

Luis Tajés



O índio João Neves, eleito prefeito de Oiapoque, no extremo norte do país: discriminação, ameaças de morte e troca de acusações com a atual prefeita

Oiapoque elege o primeiro prefeito índio da Amazônia

As eleições nesta cidade no extremo norte do país foram marcadas por ameaças e discriminação racial. Os brancos perderam

Fernanda Melazo
Da equipe do Correio

O primeiro índio a assumir uma prefeitura na Amazônia, João Neves (PSB), vai ter que fazer muita pajelança para invocar a paz e conseguir governar o município de Oiapoque (AP).

Lá, ponto final do norte do Brasil, Neves foi eleito pela maioria dos votos, mas não obteve a unanimidade. Não vai ser fácil.

Dos quatro mil eleitores do município, 1.132 são índios. Neves foi eleito com 1.713 votos numa disputa acirrada com o candidato da situação, Sérgio Gomes (PSDB), que chegou ao final da apuração com 1.448 votos.

Mais de 80% dos votos de Neves são de índios. O que significa que 20% da população branca, formada por 2.868 pessoas, aprovou a candidatura do índio.

Mesmo assim, Neves admite que sofreu muita discriminação durante a campanha, o que pode influenciar a sua administração. "Os brancos diziam que se recusavam a ser governados por um índio", contou ele.

"Ele ganhou as eleições por causa dos índios, que são minoria. O povo civilizado votou no meu candidato", afirmou, ontem de Maca-

pá, a atual prefeita tucana Maria Bezerra.

DESCONFIANÇA

Além das dificuldades que terá com a população branca, que desconfia da sua capacidade de admi-

nistração, Neves vai ter que enfrentar uma dura oposição na Câmara dos Vereadores. O novo prefeito terá apoio de apenas quatro dos nove vereadores eleitos.

"Vou tentar mostrar aos brancos que não vou governar só para os índios", disse Neves, otimista. Prova disso é a composição de seu secretariado, metade branco e metade índio.

Outro problema: mal foi eleito, Neves já assume num clima de inimizade com a prefeita. Ele jura

que está sendo ameaçado de morte e acusa Maria Bezerra pelas ameaças. "Ela disse que eu até poderia me eleger, mas que não tomaria posse. Além disso, ela afirmou que está guardando três balas de revólver: uma para mim, outra para o meu vice, o João Dorismar, e a terceira para o governador do estado, João Capiberibe", contou Neves.

Não é o que diz a prefeita. "É mentira. Eu é que estou ameaçada de morte. Só falei que as balas estão guardadas porque já fui muito ameaçada." Maria, porém, prefere não acusar o índio. "As ameaças são do safado do governador. Eu não culpo o índio, tenho pena dele porque está sendo usado pelo Capiberibe."

Neves é vereador, funcionário da Funai e presidente licenciado da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque.

Ele é um dos raros casos de índios brasileiros eleitos para uma prefeitura.

Nancy Potiguara (PMDB), ex-prefeita de Bahia da Traição (PB), foi a primeira, e conseguiu fazer o sucessor, outro índio: Marcos Potiguara, do mesmo partido, será o novo prefeito de Bahia da Traição.

Acompanhado do governador do estado, João Capiberibe (PSB), Neves esteve ontem em Brasília para convidar a governadora do GDF em exercício, Arlete Sampaio, e o presidente Fernando Henrique Cardoso para a comemoração de sua posse no dia 1 de janeiro de 1997.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

Cansado da discriminação

Baixinho, pouco mais de um metro e meio, João Neves, que tem 35 anos, nasceu na aldeia Murumã da tribo Galibi Marworno de Oiapoque. Hoje, porém, mora na cidade. É católico, casado com uma branca e tem dois filhos.

Um pouco nervoso, Neves conta a sua história quase num sussurro. Ele lembra que decidiu entrar para a política depois de ter ficado irritado com a discriminação de que foi vítima durante o período escolar.

"Lá o índio era sempre o último da fila e os brancos viviam duvidando da nossa ca-

pacidade", diz. Mesmo assim, Neves acabou o segundo grau como técnico agropecuário, mas não foi para a universidade.

Vestindo uma blusa azul escura e calça bege, Neves só se parece com índio por causa do colar e da pulseira, feito de dente de macaco, que traz amarrado ao pescoço e no punho direito.

Não tem sotaque de índio, mas dar uma canja aos jornalistas de seu dialeto, Patuá, que se parece um pouco com a língua francesa, por causa da proximidade com a Guiana Francesa.